

## **FONTES HISTÓRICAS EM SALA DE AULA: instrumentos para a prática da criticidade**

**Juliana Miranda da Silva**

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, [jumirandasilva@gmail.com](mailto:jumirandasilva@gmail.com)

**Resumo:** A reflexão proposta no presente texto remete ao uso de fontes históricas em sala de aula, como possibilidade de contribuição para o desenvolvimento da capacidade de observação crítica, necessária a um futuro cidadão socialmente ativo. As experiências aqui apresentadas buscam demonstrar como o uso didático de documentos históricos permite ao professor instigar a curiosidade dos alunos e alunas, ultrapassando a rotina teórica do ensino de história, ao deixar de lado a ideia de que o entendimento só é possível diante de um conhecimento previamente estabelecido e pronto. Nesse sentido, o presente artigo relata a experiência do exercício reflexivo proposto às turmas do ensino fundamental realizado nas aulas de história na Escola Sarapiquá, localizada na cidade de Florianópolis entre os anos de 2010 e 2011.

**Palavras-chave:** Ensino de história; fontes históricas; criticidade.

**Abstract:** The reflection proposed in this text refers to the use of historical sources in the classroom, as a potential contribution to the development of critical observation skills necessary for a future citizen socially active. The experiments presented here aim to demonstrate how the use of didactic historical documents allows teachers to instigate the curiosity of pupils, surpassing the theoretical routine of teaching history, to put aside the idea that understanding is possible only on a knowledge previously established and ready. Accordingly, this paper reports the experience of reflective exercise classes offered at the high school history classes conducted in Sarapiquá School, located in the Florianópolis city between the years 2010 and 2011.

**Keywords:** Teaching history, historical sources; criticality.

A História como disciplina do ensino regular básico é uma rica área de possibilidades de atuação docente, tendo em vista que inúmeras estratégias metodológicas são capazes de estimular a atuação social consciente e responsável dos educandos. Por meio de práticas que instiguem um pensar mais crítico e menos reproduzidor, é possível reelaborar conceitos e resignificar a realidade na qual alunas e alunos estão inseridos. Os conteúdos estudados devem ainda, segundo Zeli e Almeida (2012) contemplar indagações situadas no tempo presente, estabelecendo relações com o passado, sem, contudo, incorrer em respostas prontas e únicas. A proposta levantada no presente estudo, remete a utilização de fontes históricas em sala de aula, como forma de aproximar a prática interpretativa intrínseca ao historiador - de análise de resquícios de experiências humanas ao longo do tempo - à compreensão por parte dos estudantes da necessidade de desenvolver um olhar analítico e interpretativo do mundo que os cerca.

Nesse sentido, a prática de análise de documentos históricos pode servir como ferramenta para o desenvolvimento da capacidade de observação crítica, que futuramente deve possuir um cidadão socialmente ativo. Objetivando exemplificar tal prática, serão relatadas experiências desenvolvidas com turmas do Ensino Fundamental da Escola Sarapiquá, na cidade de Florianópolis entre os anos de 2010 e 2011.

A variedade de fontes, usadas como documentos, que servem aos propósitos específicos de cada historiador em sua pesquisa, remetem inevitavelmente a um recorte intencional, que contemple revelações sobre os grupos humanos aos quais se deseja trabalhar. Fontes

documentais escritas como arquivos processuais e documentos oficiais usados pelos historiadores do século XIX, dividem na atualidade, o interesse interpretativo com as mais variadas fontes como a fotografia e os periódicos, bem como as novas mídias audiovisuais, *sites*, relatos orais e o estudos envolvendo patrimônio cultural. Trazer para a sala de aula diferentes fontes para uso didático permite ao professor despertar a curiosidade dos alunos e ultrapassar a rotina teórica do ensino de História, pautada tradicionalmente no livro didático e na reprodução maciça de conteúdos pouco flexíveis, tratados, em alguns casos, como verdades inquestionáveis.

Quando nos propomos a inserir documentos em situação pedagógica, conforme orienta Circe Bittencourt (2008), estimulamos a autonomia intelectual do aluno, mobilizamos e associamos saberes prévios ao mesmo tempo em que devem ser situados os espaços e períodos de produção daquele documento. Contudo, tal prática exige planejamento e escolhas que permitam a produção de um diálogo não apenas entre as intenções do professor e os objetivos do projeto pedagógico da instituição de ensino. Deve-se também levar em conta a familiaridade dos estudantes com os temas abordados, caso contrário, incorre-se em possibilidades de perda do interesse investigativo.. Desse modo, o professor além de optar por conteúdos específicos a serem trabalhados, tendo em vista que a “história nasce e renasce” (Ricoeur. *apud* LE GOFF, 1990, p. 26) - pois os conhecimentos históricos são parciais, provisórios e sujeitos a determinadas conjunturas - também precisa estar atento à possibilidade de que tais conteúdos, ao serem problematizados podem tornar-se mecanismos de interação entre conhecimento histórico e ações

modificadoras, que darão condições para que alunos e alunas se reconheçam como agentes transformadores de suas próprias histórias e da sociedade que os cerca.

Atualmente, a temática relativa ao estudo das “fontes históricas” aparece na maioria dos livros didáticos como tópico a ser desenvolvido no 6º ano do Ensino Fundamental e na 1ª série do Ensino Médio, sendo abordado paralelamente às discussões acerca do significado da História como disciplina, suas ciências auxiliares e exemplos de diferentes formas de organizar a contagem do tempo. Ou seja, é um assunto introdutório, que visa contextualizar e significar os estudos históricos presentes no currículo escolar, tendo em vista que, na maioria das instituições, o contato com a cultura histórica anterior ao 6º ano do ensino fundamental possivelmente foi realizado por uma profissional da pedagogia. A professora pedagoga é ainda, via de regra, a profissional que leciona paralelamente diferentes disciplinas, tendo a difícil tarefa de instruir diferentes conhecimentos introdutórios referentes às linguagens, literatura, conhecimentos matemáticos, geográficos, históricos e científicos. Tal acúmulo de atribuições pode acarretar carência de metodologia de ensino inerente a cada área. É nesse momento de chegada ao Ensino Fundamental II, que o professor consegue, nas palavras dos historiadores Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky “estabelecer uma articulação entre o patrimônio cultural da humanidade e o universo cultural do aluno”(PINSKY & PINSKY, 2010) a fim de proporcionar por meio do estudo da História uma oportunidade de inclusão e não de mitificação de figuras e lugares distantes. Dessa forma, o professor pode “ganhar” o interesse dos alunos e alunas, que de

maneira geral, chegam recheados de informações fragmentadas, das quais “ouviram falar”, principalmente por meio da televisão, livros ou em filmes que abordavam algum período histórico, mas que precisam de um mediador que consiga introduzir novos conhecimentos e dar sentido as informações que já possuem.

Um último cuidado diz respeito às linguagens e à origem dos documentos. Mesmo inseridos em situação pedagógica, esses não foram produzidos com essa finalidade. Assim, ao utilizá-los é preciso esclarecer, ao longo da execução do projeto que os documentos “são produzidos sem intenção didática e criados por intermédio de diferentes linguagens, que expressam formas diversas de comunicação” (Bittencourt, 2008, p. 332).

### **Da teoria à prática: levando o tema para a sala de aula**

A discussão referente à utilização de fontes históricas como ferramentas metodológicas nas aulas não é um tema recente. Contudo, nas últimas décadas, o que vem sendo questionado, segundo Flavia Eloisa Caimi, diz respeito ao “entendimento quanto às suas finalidades” pois

o desafio é, tomando os documentos como fontes, entendê-los como marcas do passado, portadores de indícios sobre situações vividas, que contêm saberes e significados que não estão dados, mas que precisam ser construídos com base em olhares, indagações e problemáticas colocadas pelo trabalho ativo e construtivo dos alunos, mediados pelo trabalho do professor.(CAIMI, 2008, p.147)

O professor que optar por ir além da prática tradicional de expor os conteúdos em aulas sequenciais, estabelecidas sob uma ordem cronológica rígida poderá vivenciar em sua prática docente uma

experiência caótica, caso não estabeleça significado de suas escolhas metodológicas para o grupo no qual leciona. Por isso, o momento de seleção das fontes a serem trabalhadas com sua turma é crucial no desenvolvimento da dinâmica. E assim como o uso das fontes para uma determinada pesquisa, sua escolha como recurso educacional deve remeter a determinados objetivos específicos e planejados pelo professor.

Como compete ao professor a introdução do tema à turma, uma possibilidade de início dos trabalhos pode ser a de levar para a sala de aula diferentes artefatos. Antigos aparelhos telefônicos, eletrônicos “fora de linha”, fotografias e certidões são exemplos de objetos que podem ser apresentados à classe como fontes que, ao se tornarem objetos de estudo, auxiliam nos processos de interpretação do passado. Durante a exposição dos objetos, é possível estabelecer um diálogo referente às diferentes interpretações e informações que tais peças fornecem sobre o período no qual foram produzidas e utilizadas, para, a partir dessa prática, conceituar o que será entendido como documento histórico. Essa abordagem inicial tem como principal objetivo desmitificar a ideia de que apenas grandes monumentos, que na maioria dos casos são conhecidos apenas por meio de fotografias presentes em livros didáticos ou filmes épicos, distantes da realidade habitual dos estudantes é que podem vir a ser objetos de estudo do passado. Compete ainda, nesse momento introdutório, destacar a existência de resquícios que nos auxiliam a interpretar diferentes experiências humanas, que vão além da linguagem escrita dos documentos oficiais. Considerando a idade dos alunos e alunas e o propósito das aulas de história do ensino

fundamental é possível abordar a utilização de fotografias, audiovisuais, diários pessoais, jornais e outras fontes que vem cada vez mais ganhando espaço no estudo do passado. Cabe ressaltar que não está entre os objetivos do projeto formar “mini-historiadores” ou peritos em análises de documentos históricos. A proposta de trabalhar com diferentes objetos, que ao olhar de um pesquisador podem se tornar documentos, concerne em evidenciar que não são apenas grandes personagens políticos, amplamente conhecidos que “fazem a história”. E ainda, problematizar que pessoas como nós, inseridas em uma determinada sociedade e participantes de uma determinada cultura também somos sujeitos históricos, capazes de modificar nossas realidades, atuando como agentes transformadores e pensantes.

Outro ponto de partida para início do projeto com a turma pode remeter a apresentação de objetos pertencentes à própria história da escola onde o trabalho está sendo desenvolvido, como antigos uniformes, troféus de campeonatos esportivos, documentos escolares anteriores a informatização, fotografias etc., para a partir de objetos que remetam à memória da instituição, conceituar à turma o documento histórico como “qualquer fonte sobre o passado, conservado por acidente ou deliberadamente, analisado a partir do presente” (KARNAL & TATCH, 2009: 24). A obtenção e escolha de tais fontes dependerão do tempo de funcionamento da escola e da facilidade em se ter acesso a tais objetos. É interessante observar como uma caixa de objetos antigos pode instigar a participação e o interesse da turma pelo tema.

### **Proposta de trabalho: etapas do estudo**



Como forma de organização metodológica do trabalho a ser desenvolvido em sala de aula se faz necessária a divisão do estudo analítico das fontes em etapas distintas. As etapas aqui apresentadas estão fundamentadas na prática desenvolvida na escola Sarapiquá<sup>1</sup>, instituição de ensino particular situada na cidade de Florianópolis, capital catarinense, entre os anos de 2010 a 2011 com as turmas do 6º ano do Ensino Fundamental. A escola foi fundada em 1982 e possui em sua proposta pedagógica o entendimento de que a educação deve estar atenta à constante construção do indivíduo e do mundo. Além disso, compreende que ensinar a pensar, a obter informações e aprender estratégias de busca e resolução de problemas, perpassadas por atitudes de respeito, cuidado e atenção ao meio ambiente, à saúde ao corpo são parte do que a instituição entende por estudar.

Em síntese, o projeto contou com quatro momentos: a apresentação do tema à turma, a análise e o desenvolvimento de possíveis interpretações das fontes, a relação com a história local unida a visita ao museu histórico Palácio Cruz e Sousa e a produção de um portfólio com o registro de todas as etapas do projeto.

Anteriormente, foram apresentadas duas possibilidades de interação introdutória ao tema e conceituação de documento histórico. Após a apresentação das intenções do projeto, a turma recebeu a tarefa de trazer para a próxima aula uma fonte histórica material que remetesse a sua história familiar. Em sala, foram apresentadas as “histórias” do artefato trazido e após exposição das informações

levantadas durante a pesquisa, os colegas poderiam sugerir interpretações ou fazer perguntas. Os objetos apresentados foram os mais variados: fotografias dos pais, avós e bisavós, filmadoras e máquinas fotográficas, porcelanas passadas de geração, roupas e acessórios como colares e brincos, jornais que noticiavam questões ligadas à respectiva família, cartas e certidões, postais de viagens etc. Tal variedade de objetos possibilitou questionamentos e múltiplas análises, que inclusive fizeram os alunos admitirem que teriam que pesquisar um pouco mais com os pais ou avós para então, sanarem as dúvidas dos colegas. Tal curiosidade é perfeitamente compreensível se levarmos em conta que, para a turma envolvida no projeto, a história presente nos livros e aparentemente tão distante de seu cotidiano fizera naquele dia, uma “visita” à sala de aula, levando-os, por exemplo, pelos caminhos dos tropeiros que cortavam a cidade de Lages, ou ao tempo em que as máquinas fotográficas e filmadoras possuíam manivelas no



Figura 1 - Compartilhando histórias

lugar dos comandos digitais dos aparelhos portáteis utilizados atualmente. As transformações tecnológicas foram levantadas particularmente quando foram apresentados documentos redigidos à caneta ou por meio de máquina de datilografia. Uma caixinha de música pertencente à avó de uma das alunas também propôs discussões acerca dos reprodutores de músicas atuais em contraste ao difícil acesso a música de décadas atrás.

<sup>1</sup> A autora do texto atuou como professora de História do ensino fundamental na escola Sarapiquá entre os anos de 2008 e 2011, tendo se desligado da instituição para cursar o mestrado, iniciado em 2012.

Assim como os textos, as imagens



Figura 2 - Fotografias e seus conteúdos.

podem ser interpretadas como indícios históricos (BURKE, 2004, p. 11) e fotografias dos antigos uniformes usados em colégios que separavam meninos e meninas,

levantaram debates acerca das mudanças sociais ocorridas no ambiente escolar. Outras imagens que despertaram discussões e interpretações foram fotografias da cidade de Florianópolis antes da ocupação de áreas atualmente urbanizadas. Partindo de colocações dos próprios alunos e alunas, a relação com o crescimento populacional da cidade, seus desafios devido à falta de planejamento urbano que causou a ocupação desordenada de diversas áreas em Florianópolis e os consequentes problemas ambientais dessas ações foram abordados em uma aula que deixou de ser expositiva, teórica e conceitual para propor a interação com a realidade da turma e o momento presente da cidade.

O momento seguinte do projeto consistia em realizar uma visita ao Museu Histórico Cruz e Sousa, no centro histórico de Florianópolis, com o principal objetivo de fazer a turma entrar em contato com um local propício ao armazenamento e exposição de fontes históricas. Construído no século XVIII e passando por diversas modificações estruturais ao longo do tempo, a própria estrutura arquitetônica do museu é uma considerável fonte sobre a história política catarinense. Visitá-lo após

entrar em contato com os significados das fontes para o estudo da história possibilita a ampliação de um olhar apenas contemplatório, para um olhar crítico e interpretativo.

Nesse momento do projeto, foi possível dialogar sobre os “lugares de



Figura 3 - Visita ao museu Cruz e Sousa

memória”<sup>2</sup> e levar a turma a pensar não apenas nos objetos que estão guardados naquele espaço especialmente reservado, podendo ser vistos em determinados horários e sob a supervisão de responsáveis. Mas pensar, por que aqueles e não outros objetos foram selecionados como dignos de preservação tão cuidadosa? Quem é ou quais são os responsáveis por selecionar o que irá ser guardado sob uma redoma e consagrado ao *status* de “peça preciosa”? Por que aquele espaço adquiriu diferentes papéis sociais no centro da cidade ao longo de quase trezentos anos? Por que não podemos identificar aspectos dos primeiros moradores do território que atualmente correspondem ao estado de Santa Catarina e a história aparece ali datada a partir da chegada dos primeiros colonizadores europeus ou descendentes desses? Quais os significados de um mobiliário ter sido quase que inteiramente comprado em países europeus, quando vivemos em dos países

<sup>2</sup> A problematização acerca dos lugares de memória coletiva e os criadores e articuladores desses locais é feita em grande profundidade na clássica obra História e Memória de Jacques Le Goff, tendo sido utilizada como referencial teórico para nortear as discussões relativas à visita ao museu.

do mundo com maior abundância em madeira?

Além do debate em sala, foi proposto à turma escrever um texto acerca das questões discutidas após a visita ao museu, onde deveriam aparecer suas impressões, as informações que mais lhes instigaram durante nossa visita guiada e se existiam diferenças entre as fontes trazidas por eles para a sala de aula e as fontes que havíamos visualizado no museu. O texto faria parte do portfólio que foi estabelecido como resultado material do projeto.

Como fechamento do projeto, a turma passou por outro momento de socialização, considerando as atividades desenvolvidas em sala, a busca das fontes históricas referentes à sua família e a visita ao museu. O momento de reflexão sobre a prática educacional, nas palavras da educadora Madalena Freire é fundamental para o professor, pois “torna possível a ele fazer melhor amanhã o que fez e pensou hoje” e “nesse aprendizado ganha dimensão da importância do que faz e desse modo, constrói o espaço do exercício da vigilância, indispensável, de seu pensar crítico” (2010, p. 50). Por isso, como encerramento do projeto, além da entrega dos portfólios com os textos produzidos ao longo do trabalho e fotografias das fontes e da visita ao museu, discutimos a necessidade de olharmos os objetos e as informações que nos cercam de maneira crítica, além da primeira impressão.

### **Considerações finais**

Ambas as turmas – 2010 e 2011 – vivenciaram o projeto de maneira semelhante. Salvo as particularidades de cada grupo, ambas não tiveram resistência em trazer para a sala de aula objetos que

fossem entendidos por eles como parte da história da família. Exclamações do tipo “não sabia que minha casa estava cheia de fontes históricas” ou “descobri que meu pai tem uma coleção de moedas antigas” deram vida as aulas e fizeram os alunos de outras turmas perguntar “o que está acontecendo na turma do 6º ano? Nós vamos fazer também?”.

Um dos maiores desafios quando nos propomos a realizar projetos como esse, com discussões e saídas de campo está em controlarmos de forma produtiva o tempo das aulas. Estabelecer os momentos de fala e de escuta é uma das práticas que precisa ser lembrada em todas as aulas. Reforçar as datas do calendário das atividades, fazendo uso, por exemplo, de um mural em sala de aula é uma estratégia simples, porém com bons resultados no tocante a compreensão de que é necessário respeitar prazos e de que para que todos recebam a oportunidade de expor seus objetos o tempo das falas precisa ser delimitado.

É de conhecimento geral a realidade das instituições de ensino brasileiras e as dificuldades que educadores e gestores enfrentam ao buscar realizar determinadas ações no desenvolvimento de seus trabalhos. As dificuldades são de naturezas diversas, seja a falta de material e ambientes adequados, a baixa valorização profissional bem como as questões que alunos e alunas trazem de seu ambiente familiar e que, de alguma forma, refletem em seu interesse e aprendizado em sala de aula. Nesse sentido, cabe salientar que mesmo tendo sido desenvolvido em uma escola particular, o projeto aqui apresentado pode ser aplicado em escolas da rede pública sem grandes dificuldades. Muitos museus possuem dias específicos nos quais escolas podem gratuitamente realizar visitas. Os objetos selecionados como



fontes foram trazidos do ambiente doméstico e o material para o portfólio foi feito em papel cartão, sem envolver gastos adicionais.

Muitas escolas possuem em seu calendário eventos como mostras culturais, nas quais são socializados trabalhos de diferentes segmentos – ensino infantil, ensino fundamental e ensino médio - que fizeram usos de diferentes linguagens, por meio de produções realizadas ao longo de um determinado período. Sugere-se que nesses momentos, possa-se compartilhar com a comunidade escolar o resultado final do projeto, por meio do portfólio, exposição de alguns dos objetos trazidos pelos alunos e, se possível, registros fotográficos. Essa exposição também poderá ser realizada em outros momentos, como no dia da reunião de pais e mães.

Tendo em vista o perfil colaborativo do projeto e o uso da sala de aula como principal ambiente de desenvolvimento dos trabalhos, em face aos resultados e envolvimento dos educandos, buscou-se compartilhar as experiências com o intuito de estimular ações práticas que visem transformar o ensino de história em uma experiência menos conteudista. Além disso, a análise dos simples objetos que, por meio da interação questionadora transformaram-se em documentos históricos pode agir como prática à criticidade, colaborando para a formação de estudantes, que reflitam ao longo do processo de aprendizagem e, conseqüentemente, levem para o seu cotidiano um olhar mais observador e menos passivo.

### Referências Bibliográficas

BITTENCOURT, Circe M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Madalena. *Educador, educa a dor*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GIL, Carmem Zeli de Vargas & ALMEIDA, Dóris Bittencourt. *A docência em História: reflexões e propostas para ações*. Erechim: Edelbra, 2012.

JANOTTI, Maria de Lourdes. O livro Fontes Históricas como fonte. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.

PINSKY, Carla Bassanezi & LUCA, Tania Regina (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

PINSKY, Jaime & PINSKY, Carla Bassanezi Pinsky. Por uma História prazerosa e conseqüente. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2010.

THEODORO, Janice. Educação para um mundo em transformação. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2010.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2010.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

Recebido em dezembro, 2013.

Aceito em março, 2014.